

Ano
78

Jornal do Calouro

PELAS
LIBERDADES
DEMOCRÁTICAS

Março - 1977

5

EDITORIAL

A cada início de ano, ao ruidoso reencontro dos veteranos após as férias junta-se a presença de 1.200 calouros, criando na universidade um clima todo de efervescência. Recepcionar os novos colegas é tanto uma preocupação da oficialidade universitária como particularmente nossa, e daí se justifica esta publicação aos calouros.

Prá muita gente os problemas não terminam ao ultrapassar a desgastante competição do vestibular (e o caminho até ele): quem vem de fora encontra como uma das primeiras dificuldades arrumar um canto prá descansar o costado, o estudante que tiver problemas de mesada vai por a cidade de pernas pro ar antes de encontrar um emprego noturno, etc. O fato de a direção da Unicamp não tomar conhecimento desses problemas consiste em mais um reflexo das graves distorções no ensino superior que grassam atualmente em nosso país. Que é feito por nós, contudo.

Os Centros Acadêmicos, por sua vez, pretendem ser um lugar de discussão e resolução (na medida do possível) dos problemas que enfrentamos no cotidiano da vida universitária, um lugar onde sejam debatidas questões mais gerais da sociedade brasileira (estudante deve se ater exclusivamente ao estudo?) e, especialmente, um lugar de convivência.

Este Jornal, elaborado em conjunto pelos Centros, talvez represente seu primeiro contato com o pessoal veterano, e se tal de fato ocorre, deixamos aqui o nosso

BENVINDO AOS CALOUROS.

Retrospectiva

Sem dúvida o ano de 1.977 significa um marco fundamental para a História recente do povo brasileiro. Após 13 anos de muitas perseguições políticas, prisões ilegais, torturas, exílios, cassações e um desmedido arrocho salarial contra os trabalhadores, esta triste situação começa a dar mostras de querer modificar-se.

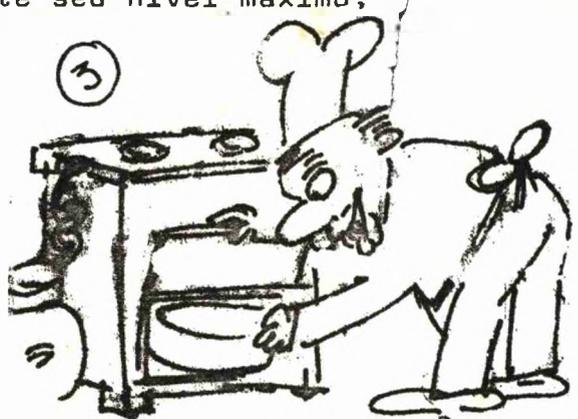
Na verdade, desde fins de 1.973 o (oficialmente alcunhado) milagre brasileiro vem se desvanecendo, ou melhor, seu caráter fictício está chegando à tona no espaço da grande imprensa nacional. O "bolo", cujo crescimento e concentração foram afetados em parte pela crise do petróleo (ótimo pretexto...) e especialmente por falhas estruturais da economia começou a apresentar problemas quanto à divisão, com a exiguidade de lucros dos exploradores delineando uma crise econômica no país. Numa tentativa de conter o alastramento da crise o governo experimentou colocar em prática medidas recessivas do tipo:

- 1- Corte nos gastos públicos, ou seja, não há verbas para a educação, para o Transporte Coletivo, para o Saneamento Básico, Saúde Pública, etc.
- 2- Redução da Produção Industrial e do Consumo, através de aumentos salariais sempre inferiores à inflação (crescente superexploração dos trabalhadores), aumento dos preços das mercadorias, e
- 3- Restrições de crédito para a Pequena e Média Indústria e para a Agricultura (em função do que vem a ocorrer um razoável número de falências no setor).

As consequências dessas medidas tornaram-se hoje claramente visíveis: professores mal remunerados, escolas mal aparelhadas, em péssimo estado, ruas mal iluminadas e sem asfalto, ausência de saneamento básico, grande número de desempregados devido ao fechamento de fábricas e redução do pessoal nas grandes indústrias, etc. Todos esses fatores atuando simultaneamente acarretaram uma sensível diminuição do nível de vida do conjunto da sociedade brasileira, sendo que os trabalhadores foram (e são) os mais duramente atingidos pela política de recessão aplicada pelo governo.



da população, fato estimado através do fortalecimento do MDB, "partido de oposição" ao governo, nas eleições de 74 e 76. O famoso "pacote de abril", imposto pelo presidente general Geisel no início de 77 alterando o funcionamento do Parlamento e do Judiciário (eleições indiretas para governadores em 78, eleições indiretas também para 1/3 dos senadores, continuidade da Lei Falcão, etc) teve a finalidade de garantir sob qualquer pretexto a vitória do partido governista nas eleições de 78 por um lado, e por outro reduzir ainda mais os já escassos canais de participação e expressão populares existentes no país, com o que acentua o descontentamento até seu nível máximo.



Assim, a crise econômica iniciada no ano de 73 desemboca em crise política no ano 77, com os estudantes assumindo um papel de relevo na luta por melhores condições de ensino, pela anistia incondicional a todos os presos políticos, pela liberdade de manifestação e expressão e pelas liberdades democráticas, especialmente. Tais bandeiras, levantadas



em princípio pelos estudantes, adquirem eco e reforço em outros setores da classe média como OAB, a Igreja Católica, artistas, bancários, professores universitários e secundários, além de outros.

No segundo semestre de 77 os metalúrgicos de São Bernardo engajam-se numa batalha sindical e judiciária pela reposição salarial dos 34% e reiniciam seus esforços no sentido de um fortalecimento do sindicato. Volta-se a falar em democracia aventando-se inclusive a hipótese de novos partidos, e em fins de 77 o MDB dá o tiro de partida de sua campanha pela elaboração de nova Constituição, embora timidamente. Tornou-se patente a essa altura o alarmante isolamento do regime militar, e o governo Geisel, malgrado a eficácia de seu aparelho repressivo não pode mais cometer seus abusos paralegais sem que se acelere a deterioração de sua imagem.

Agora, no início de 78, a súbita e precipitada indicação do general João B. Figueiredo para a futura gestão presidencial ao invés de abrir o debate sucessório segundo prometeu-se suscitou um intenso questionamento do processo além de gerar maior dose de descontentamento. Por outro lado, a sustentação da candidatura do Senador Magalhães Pinto à presidência deixa claro que está longe o consenso entre a classe dominante quanto à maneira de superar a crise econômica, o que coloca a questão sucessória na ordem do dia.

De tudo que se viu augura-se para este ano de 78 um agravamento da crise política que o país atravessa. Entretanto não foram os estudantes, nem tampouco os operários, ou os professores, os bancários os autores da situação atual. Na verdade, durante todo o processo (pseudo) revolucio-



5



6

nario estes segmentos da sociedade brasileira foram impedidos de participar em função das medidas excepcionais (em última instância das armas), e não é no momento de pagar é que devemos dividir as culpas e preços.

Portanto a única perspectiva que nos resta é esforçarmos-nos conscientes e consequentes, se pretendemos uma sociedade onde não haja censuras, prisões políticas, violência policial e, especialmente, fome e miséria. Caberia daí uma séria reflexão sobre os acontecimentos recentes do nosso país, buscando em 78 um efetivo avanço das liberdades democráticas, da democracia.

7



BUAAA

8

O que aconteceu em 1977

O ensino nas universidades brasileiras vem encontrando uma série de dificuldades na proporção direta dos sucessivos cortes de verbas na área do ensino público, agravando-se ainda mais nos últimos tempos.

Nos anos de 74, 75 e 76 várias universidades manifestaram seu descontentamento com a situação precária das condições de ensino, mobilizando-se através de abaixo-assinados, greves, concentrações internas e outras formas de luta. Em sua maioria estas mobilizações giravam em torno de preços de bandejões, má alimentação, falta de bolsas para os estudantes sem recursos, ausência de assistência médica, péssimos professores, laboratórios mal equipados, que infelizmente constituem problemas cada vez mais prementes.

Tais iniciativas reivindicatórias, entretanto, foram encetadas isoladamente, isto é, ora numa universidade ora em outra, a despeito de serem questões concernentes a todas as universidades. E na medida que era preciso unir as fragmentadas forças no sentido de sustentar-se frente às pressões oriundas da cúpula universitária os estudantes se organizaram celularmente nos chamados Centros Acadêmicos (CAs). Na USP em particular, onde as várias faculdades já haviam constituído seu CA, a reivindicação por condições decentes de ensino conduziu os estudantes a organizarem uma entidade de alcance geral - o DCE-Livre da USP - com a finalidade de representar os alunos do campus em suas aspirações.



O ano de 77 encontrou a Universidade de São Paulo em estado de semi-decrepitude, com horizontes cada vez mais negros face a um novo corte de verbas. A administração da universidade intentando transferir o custo do ensino e as consequências do corte de verbas sobre ombros mais frágeis adota as costumeiras medidas de ocasião: aumentar preço de refeições, diminuir o número de bolsas de alimentação, conceder aumento à funcionalidade segundo índices inferiores aos da inflação. Contra medidas desse calibre moral os estudantes tomaram a atitude de organizar uma passeata nas ruas da capital - cujas principais reivindicações eram "mais verba para a educação" e "ensino público e gratuito". Essa passeata, realizada em 30 de março com 5.000 participantes, a 1ª depois de 68, foi barrada pelos comandados do Cel Erasmio Dias, que em número de 70.000 paralisaram as vias de acesso ao local do evento na vã tentativa de impedi-lo. O Movimento Estudantil fez dessa maneira a

sua primeira experiência com a questão bem mais ampla - a da liberdade de organização e expressão, que ironicamente é garantida pela Carta da ONU da qual o Brasil é signatário. Nessa mesma época o presidente-general Geisel fechava o Congresso Nacional a fim de impor suas reformas políticas à revelia de representantes e representantes da população brasileira, isto é, o "pacote de abril".

Em maio o Movimento Estudantil retorna às ruas com ímpeto redobrado, ganhando as páginas da grande imprensa. E desta vez por um motivo diferente: a prisão de 4 operários e 2 estudantes na região do ABC (SP), quando distribuíam folhetos convidando os operários a meditar sobre o dia 1º de Maio, reunindo-se em seus sindicatos para pensar de como modificar a atual situação de injustiça humana. No dia 3 de maio foi marcado um Ato Público na PUC (SP) em protesto à prisão dos citados cidadãos, com a presença de várias entidades estudantis do estado de São Paulo. Imediatamente a ação se generalizou por todo o interior do estado, e em 5 de maio realizam-se Atos Públicos em São Paulo (Largo São Francisco), São Carlos, Campinas e Ribeirão Preto. O Ato Público do Largo do São Francisco chegou a certa altura a contar com a presença de 10.000 participantes, que após o Ato iniciaram uma passeata em direção ao Vale do Anhangabaú. No caminho depararam-se com um esquema policial preparado para reprimir a manifestação, ao que os estudantes resolveram sentar-se e ler a Carta Aberta distribuída à população - "Hoje quem cala consente", que gritada em uníssono em todos os Atos Públicos significou o primeiro libelo formalmente lançado contra a ditadura. As principais palavras-de-ordem foram "libertem nossos presos", "abaixo a repressão", "anistia ampla e irrestrita

ABAIXO A REPRESSÃO

a todos os presos, cassados e banidos políticos", "liberdade de organização e expressão" e "pe-las liberdades democráticas". Nesse mesmo dia a greve de protesto às prisões, deflagrada em todo o estado de São Paulo atinge 80.000 estudantes.

Soltem nossos PRESOS !!

A partir desse Dia Estadual de Luta o Movimento se expande para outros estados, e no dia 10 de maio é realizado um Ato Público em Minas, na Escola de Medicina (RM), com a presença de 5.000 pessoas, e no Rio o Ato Público conta com 7.000 participantes. No dia 19 de maio deu-se então o 1º Dia Nacional de Luta, com manifestações estudantis nas principais universidades do país - São Paulo, Rio, Brasília, Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte. O Ato Público realizado nesse dia em São Paulo recebeu a adesão de bancários, artistas, secundaristas, professores universitários, alguns membros do MDB, etc. O ânimo da luta despertado nessa época possibilita mais tarde o fortalecimento desses setores através de suas entidades representativas: Associação dos Professores da USP (ADUSP), da

ANISTIA AMPLA E
IRRESTRITA

PUC de SP e da UNICAMP; o sindicato dos bancários e o sindicato dos artistas, onde depois de muitos anos de diretoria pelega a chapa de oposição finalmente sai vitoriosa das urnas.

O mês de maio, entretanto, termina assim que a crise da Universidade de Brasília (UnB) começa. Com o intuito de reprimir radicalmente as manifestações naquela universidade, o reitor (capitão-de-mar-e-guerra) pune torpemente 16 estudantes que participaram desse 1º Dia Nacional de Luta.

Na medida que o movimento de maio amplia-se pelo interior do estado de SP, e também para outros estados, duas discussões importantes eram colocadas aos estudantes:

1- A necessidade de uma organização que reunisse todos os estudantes paulistas numa tentativa



de união e fortalecimento da luta. Essa organização nasceria na forma de comissão pró-UEE (comissão aberta cuja finalidade seria reunir todas as entidades estu-

dantis de SP) e que mais tarde (agora neste semestre) vai converter-se na própria UEE - União Estadual dos Estudantes.

2- A necessidade de antecipar o III Encontro Nacional de Estudantes, o que possibilitaria uma organização mínima a nível nacional. Marcou-se daí esse encontro para o dia 4 de junho, na cidade de Belo Horizonte. Nesse dia a escola foi invadida pela polícia, que prendeu 300 estudantes que estavam lá dentro, além de mais 700 detenções na entrada de Belo Horizonte - representantes de outros estados que chegavam.

Foi a primeira prisão em massa concretizada pelos comandados da ditadura militar.

No dia 15 desse mesmo junho cai o II Dia Nacional de Luta, em repúdio à repressão do III ENE, com manifestações em vários estados do país. Ainda em junho a tentativa por parte do governo de impedir a realização da 29ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) novamente mobiliza cientistas, professores, estudantes e artistas no angariar fundos para sua realização.

As férias de julho trazem novas discussões ao âmbito da política nacional. Declarando publicamente sua preferência pela candidatura do chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general João B. Figueiredo, à sucessão presidencial, o presidente da Caixa Econômica Federal, Humberto Barreto, revela um lance que suscita enorme repercussão nos círculos políticos. Ainda nas férias a polícia do Rio de Janeiro prende estudantes, professores e profissionais liberais daquele estado, sob a alegação de pertencem ao MEP - Movimento de Emancipação

Proletária - considerada pelos órgãos repressivos do governo como subversiva.

As aulas recomeçam em agosto com o aguçamento da crise da UnB. Voltando do recesso de 31 dias decretado pelo reitor a fim de esvaziar o movimento, os estudantes deparam-se com a universidade ocupada por tropas da Polícia Militar - já efetuando no 1º dia de aula centenas de prisões, em função do que, apesar da permanência dessas tropas, os universitários de Brasília exigem a saída do capitão-reitor com a frase: "a greve continua, põe o capitão na rua". Em 19 de agosto o III



Dia Nacional de Luta, em protesto à invasão policial da UnB e pela demissão do capitão-reitor os estudantes de todo o país voltam a mobilizar-se, realizando julgamentos simbólicos do reitor assim como o seu enterro, queimando simbolicamente os instrumentos e órgãos repressivos da ditadura - cassetes, armas, DOI-Codi, DOPS e a lei de Segurança Nacional. Por essa ocasião o movimento apresentava evidentes sinais de refluxo.

No estado de São Paulo o Congresso de Fundação da UEE reuniu 3.000 estudantes na elaboração de um estatuto provisório e fixação da data de eleições de sua 1ª diretoria, que seria em outubro de 77 e mais tarde, face ao crescente refluxo, adiou-se a data para abril de 78. Em 20 de setembro, data remarcada para a realização do III ENE (durante a reunião da SBPC), a polícia invade e novamente prende 178 estudantes na Escola de Medicina da USP. Diante do bloqueio dessa primeira perspectiva o III Encontro acontece na PUC SP, na tarde de 21. Desse encontro fica deliberado que o Movimento Estudantil terá como órgão máximo de representação a UNE - União Nacional dos Estudantes. E para encaminhar a sua reorganização assim como orientar o Movimento até a data de sua fundação formou-se a Comissão Pró-UNE, composta de todos os DCEs-Livres existentes no país.

Tendo seus desígnios sido frustrados quanto ao impedimento do III ENE, o aparato policial do coronel Erasmo invade e depreda as instalações da PUC SP na noite de 21, quando se verificava ali um Ato Público em repúdio à repressão do dia anterior. Esta invasão policial constituiu-se na mais violenta presenciada no ano de 77, onde o emprego de cassetetes elétricos e bombas ofensivas ocasionou a hospitalização de várias moças com queimaduras graves pelo corpo. Ditocentas pessoas foram detidas e fichadas.

Setembro dá lugar a um outro tipo de ação solidária: a dos trabalhadores pela reposição salarial. Em SP, na região do ABC, o Sindicato dos Metalúrgicos promove assembleias após comprovadas as denúncias de que os reajustamentos salariais autorizados pelo governo eram baseados em estatísticas manipuladas pelo ex-ministro Delfim Neto, a musa do milagre. A reivindicação contagiou sindicalistas de outros esta-

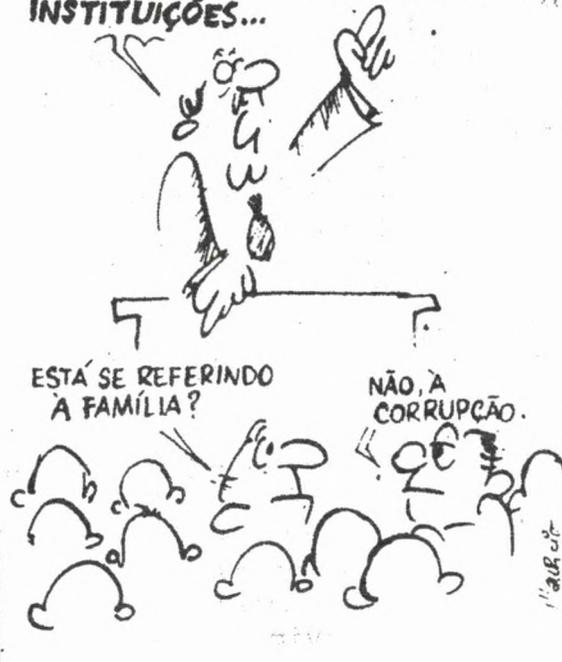


dos (Minas e Rio), dispostos a exigir do governo a correção desse erro deliberado, através de um reajuste salarial que compense as perdas de 73 e 74.

O Movimento Estudantil nesse mesmo período volta-se para dentro das universidades, em eleições dos Centros Acadêmicos (âmbito mínimo) e Diretórios Centrais Livres (âmbito geral).

Agora para o ano de 78 já existe uma árdua tarefa a ser encetada: as eleições para a primeira Diretoria da União Estadual dos Estudantes desde que foi extinta. Seu ressurgimento foi operado neste ano que passou, e sua existência é um atestado da responsabilidade estudantil perante a realidade nacional

... E QUANDO SE TRATA DA DEFESA DE UMA DE NOSSAS MAIS QUERIDAS E TRADIÇÃOAIS INSTITUIÇÕES...



E NA UNICAMP?...

Quando, em maio de 77, estudantes de todo o país procuraram demonstrar sua insatisfação com a ordem vigente, assim como sua disposição de luta pela liberdade e pela democracia, também nós, unicampeiros, estivemos presentes. Junto aos colegas da PUCC, organizamos um ato público pela libertação dos presos do ABC, por anistia, liberdade de organização e expressão, por liberdades democráticas. Estivemos presentes e nos manifestamos novamente quando da repressão ao III ENE e no apoio / aos colegas da UnB.

Porém, se em maio o movimento contava com estrondoso apoio e participação, não se manteve assim ao longo do ano. Houve uma crescente diminuição na participação, tanto a nível nacional, como especificamente aqui na UNICAMP.

CA's, que não lograram articular os problemas do dia a dia de cada escola com as lutas mais gerais que estavam sendo travadas, abandonando os primeiros e deixando de cumprir com a função / específica dos CA's, nossa organização mínima.

A falta de clareza nas / propostas, o enfraquecimento do movimento acarretaram o adiamento da construção de nosso DCE, que apesar de ter estado na ordem do dia durante todo o ano passado, acabou não levada adiante.

Tentando sintetizar, apesar da grande disposição de luta e mobilização dos estudantes num determinado momento, não / houve um correspondente crescimento em termos de nossa organização, que desse maior continuidade e constância à nossa luta.

Diante do exposto, convi-



E por que isso ocorreu?

Apontamos os seguintes fatores que contribuíram para esse esvaziamento na UNICAMP:

1º Sendo o movimento de / caráter geral, já que a defesa das liberdades democráticas é uma luta de todos (de toda a população inclusive), o encaminhamento dela deveria ser feito através de um organismo comum a todos. É este, um DCE da UNICAMP, nós não tínhamos. Só possuímos os Centros Acadêmicos.

2º A partir de um determinado momento, já não se tinha / claro qual era a direção do movimento, onde este iria desaguar.

3º Combinada com os dois pontos acima, a falta de clareza que tiveram as direções dos

damos os calouros, para que se unam aos veteranos na reconstrução de nossos Centros Acadêmicos, no seu fortalecimento e na perspectiva do DCE- livre da / UNICAMP.

Por fim, julgamos útil explicar um pouco melhor como as entidades estudantis e o nosso movimento têm se organizado.

As lutas dos estudantes, os problemas enfrentados pelos estudantes, não são individuais, são de todos, ou da maioria. E, quando nos unimos, ganhamos / mais força e maior capacidade / de modificar a realidade que / nos cerca.

É no sentido de juntarmos nossos esforços, de não deixar/ que uma luta se esvança e se / perca, de acumularmos as experi- ências passadas e nos fortale- cermos cada vez mais, que deve- mos nos organizar.

É nossa organização deve ser independente, levando à / frente as nossas lutas, nossas propostas, nossos interesses e anseios, buscando a unidade em cima das decisões da maioria / dos estudantes, sem nos subordi- narmos à burocracia da universi- dade.

Os Centros Acadêmicos são de organização em cada faculda- de ou instituto.

Assim, por exemplo, os a- lunos de Física se vinculam ao CAF, que é quem leva à frente / os problemas específicos dos es- tudantes de Física, além das / questões mais gerais. O mesmo / se dá com relação ao CAMECC (ma- temática, estatística e computa- ção), CACH (economia, c. sociais, história e linguística), CABS (eng. químico, mecânica e elétric- a), CAB (biologia), DAL (medici- na) e o DAFAAA (eng. de alimen- tos e agrícola).

Os Centros Acadêmicos de- vem propor e/ou procurar imple- mentar mecanismos para a partici- pação dos estudantes. Por exem- plo: jornais, murais, teatro, ci- nema, esportes, artes, centros de estudos, bailes, etc... Porém essas atividades, que possibili- tam uma maior aproximação dos es- tudantes e um fortalecimento de suas entidades, para que sejam / realmente efetivadas, precisam da participação de todos. Não po- demos ficar esperando que meia / dúzia de colegas façam tudo, en- quantonós ficamos de fora, passi- vamente observando, criticando. É importante inclusive, que todos procuremos novas formas de atua- ção, renovando e fortalecendo as nossas entidades.

Além disso os CAs se cons- tituem em órgãos de luta, onde é se busca a unidade dos estudan- tes em uma ação concreta. Isto é necessário em função de existi- rem concepções distintas entre nós quanto aos nossos problemas comuns. Assim, por exemplo, se todos nós (ou a maioria de nós) é contra o jubileamento, há diver-

UNIVERSIDADE FEI.

TESOURARIA



sas propostas de como encaminhar a luta, diversos modos de ser / contra.

É preciso que ajamos então de acordo com as decisões da mai- oria, de forma a unir forças. O / CA deve então ter claros mecanis- mos de decisão, que permitam que as posições tomadas sejam real- mente da maioria.

Um dos mecanismos princi- pais dessa tomada de decisões é a Assembléia Geral, uma reunião com poder de deliberação, cujas decisões devem ser acatadas por todos. Por isso, as assembléias devem ser amplamente convocadas, de forma a que todos os estudan- tes saibam quando e onde ela se realizará e o que será discutido.

É bom observar que a Assem- bléia do instituto é o mecanismo máximo de decisão, no caso de um CA, enquanto que a assembléia un- versitária é o mecanismo máxi- mo de decisão, no caso de uma lu- ta geral de todos os universitários.

É bom observar que a

Além dos Centros Acadêmicos, podem haver as entidades mais ge- rais: os DCEs, UNEs, UEEs e a UNE. A maioria dessas entidades ainda precisa ser construída ou recons- truída (atualmente existe apenas u- ma UNE - em S. Carlos - e uma UEE-

em s. Paulo em todo o país).

Os DCEs, Diretórios Centrais de Estudantes, são formas de organização para uma universidade, ou seja, eles cumprem um papel semelhante aos CAs, só que para toda a universidade, buscando unificar a atuação dos estudantes.

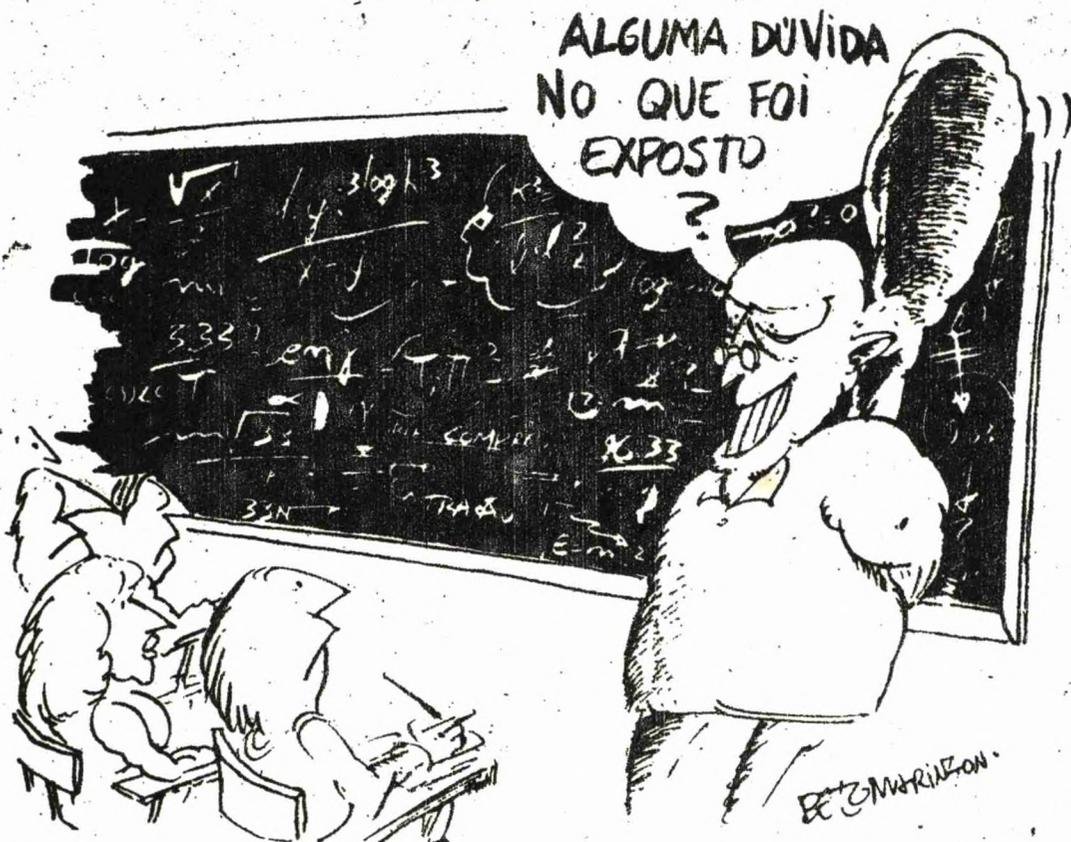
Na UICAMP não temos um DCE embora há muitos anos venham sendo travadas lutas que abrangem todos os estudantes desta universidade. É importante, pois, construirmos, de forma a conseguirmos ter mais continuidade nessas lutas, avançando em nossa organização.

As UMEs (União Municipais) são entidades municipais ou metropolitanas, que têm um papel importante nas lutas e trabalhos a nível local, de uma cidade, como uma manifestação pública, um abaixo-assinado ou um show.

As UEEs (União Estaduais de Estudantes) são organizações estaduais e a UNE (União Nacional dos Estudantes) a organização nacional (atualmente destruída).

Cabe lembrar aqui que, como essas entidades mais gerais estão sendo reconstruídas, ainda não têm estatutos, e que significa que ainda não foi definido seu mecanismo decisório. Este ano haverá um congresso da UEE-SP para definir seus estatutos. Deles em grande parte dependerá seu funcionamento democrático. Por isso, é importante a discussão e participação de todos nós na preparação dos estatutos e do congresso.

* Cabe esclarecer que o DAFEEA é diretório acadêmico, ou seja, juridicamente subordinado à direção da escola, apesar de ter uma prática independente.



primeira ciranda turística pela emergente Campinas

Campinas é uma cidade moderna e seu povo operoso. Sua infraestrutura urbana é das mais evoluídas do país.

Para os operários há muito trabalho nas indústrias.

Para os estudantes, duas universidades, e muitas escolas de nível secundário e primário.

Para os boêmios há uma intensa vida noturna. Muita pinga para os pobres. Aqui todos têm vez.

Teatros, praças arborizadas, diversão para todos.

Um clima que é dádiva de Deus.

Terra de Carlos Gomes!

ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

Um caminho para se ir de Campinas, se a cidade for inaceitável. Nos fins de semana, os que ficam saudosos de casa e sós na cidade, se vão, levando mochilas, sacolas, a imagem das aulas. Nas sextas feiras, há jovens por todo lado, eles vão esvaziar a cidade, que a cidade que vivemos é a deles, não a do povo campineiro, que desconhecemos, não a cidade tradicional, a cidade indevassada.

Prédio de dois andares. A sacada do segundo andar dá na rua Andrade Neves, onde a sua primeira fila surge: os estudantes esperam, do outro lado da rua, os ônibus coloridos, velozes e raros que os levarão até a escola.

AS PENSÕES

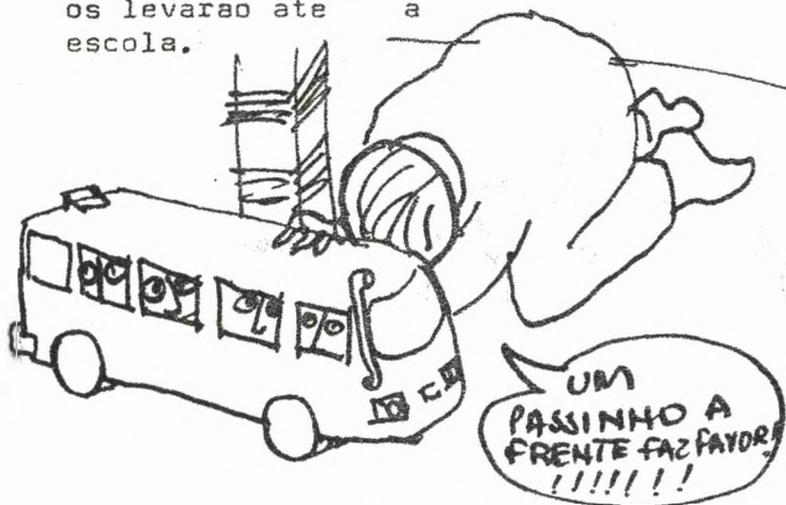
Vá até a rua Conceição, e não se desespere. Repare bem nas casas velhas, acabadas, com uma viúva maquiada na porta. Em cada uma das casas há muita gente vivendo, escondida em qualquer canto, entre dois tabiques de madeira, no que, nesse ambiente folclórico, se convencionou chamar de quarto.

Aí vai ser sua primeira morada, e numa noite, no quarto abafado, entre quatro desconhecidos, o mecânico, o estudante de química, o geroto da PUC e o que faz curso; entre eles, e olhando para roupas sujas e a mala jogados no chão; nessa noite vem a nascer a sua primeira vontade de fugir.

A PASSAGEM SUBTERRÂNEA DA FERROVIÁRIA.

Desça as escadas e saia das horas banais: você es cercado por paredes arredondadas, numa luz amarela, e a seu lado dorme o bêbado. Do outro lado, distantes, caminham umas figuras do início do século, sombrias e apressadas. Você ouve os passos, que repercutem em seus ouvidos.

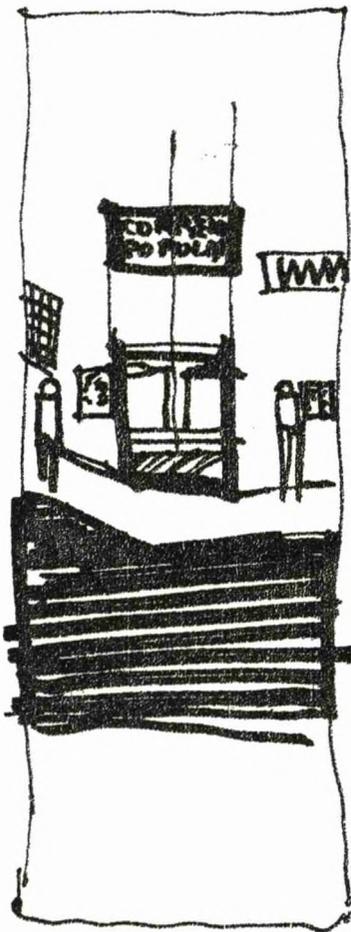
Quando chegar no meio do corredor você não mais sentirá o cheiro de mijo. Grite com toda força, aí é permitido o grito. Você se sentirá leve, podendo assistir mansamente o filme que passa no Teatro Castro Mendes, perto da saída do túnel.



A PORTA DO JORNAL CORREIO POPULAR

Está afixado na porta o jornal do dia, e um ajuntamento no local. Não porque morreu um importante, é que todos procuraram emprego.

Os rostos estão pálidos, cansados, a roupa meio suja. Um anúncio diz que paga altos salários para jovens com vontade de progredir. Um rapaz, com um sorriso esboçado, anota num pedaço de papel a oportunidade.



O TEATRO DE ARENA

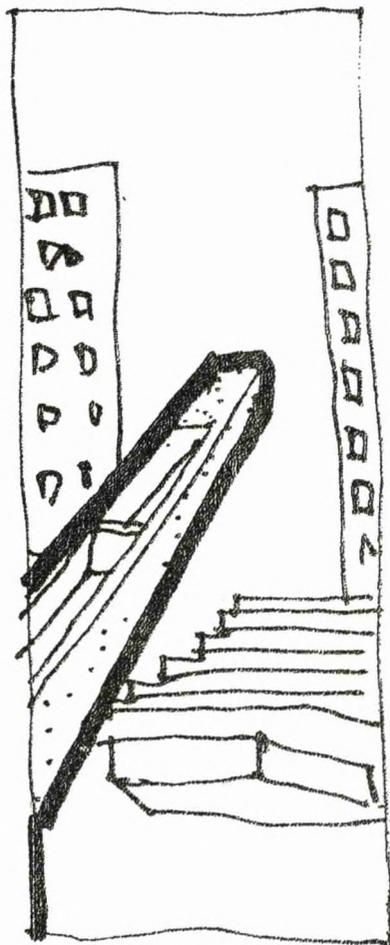
A orquestra está tocando. No piano a jovem pianista de Campinas faz o solo da peça de Villa-Lobos.

Algumas senhoras estão sonolentas.

O maestro Benito concentrado, indicando a entrada dos violinos.

Você está triste na porta do teatro, porque não conseguiu entrada.

O público aplaude demoradamente a senhorinha.



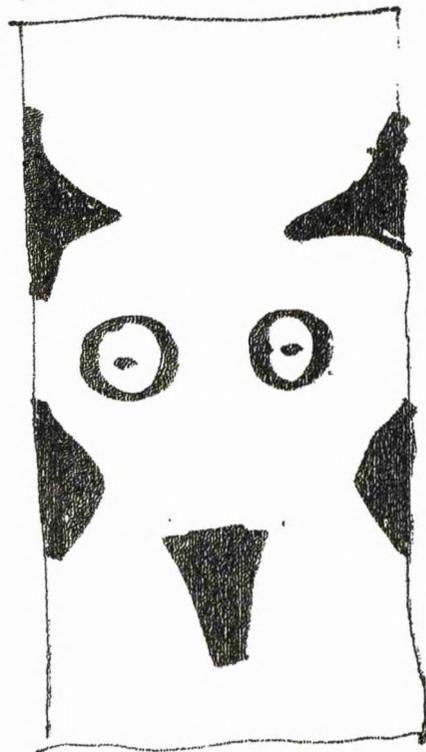
JARDIM ITATINGA

Campinas cultivava o saudável hábito da higiene. O que é sujo deve ser separado. O sujo tem seu lugar certo.

As senhoras da vida trabalham confinadas, em um local com alta densidade pornográfica, situado perto do Aeroporto de Viracopos.

Da entrada parece um lugar calmo, um bairro onde vivem as famílias, mas não!, cuidado, ali transpiram a sordidez e a lubricidade.

Não vá lá, mas saiba que, em caso de necessidade, os preços são razoáveis, e se você é jovem e bonito é possível a pechincha.



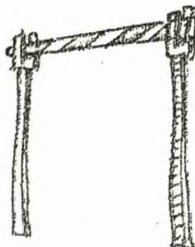
JUBILAMENTO E CURRÍCULO MÍNIMO - Como norma geral e natural, o estudante que começa a vida universitária está obcecado por "fazer um excelente curso", e conseqüentemente falta-lhe a devida humildade para aceitar como importantíssimas as questões do Jubilamento e do Currículo Mínimo (são coisas de "maus alunos"...). Creia-nos, são questões de fato importantíssimas;

Se você toma pau duas vezes consecutivas numa mesma matéria (e não é tão raro assim) você "está de currículo", ou seja, tem de cursar no próximo semestre um número bem pequeno de matérias. Imagine agora que, por desgraça, você já estando de currículo ainda toma pau numa matéria qualquer que seja. Daí então você é jubilado (mandado embora da Universidade, sem choro nem vela) e seu curso numa escola pública está paralisado por três anos, no mínimo.

No seu dia-a-dia por aqui você descobre que universidade não é o Eden, e que as "notas baixas" acontecem tanto devido a más avaliações, má didática, quanto devido a situações particulares: pensões, dinheiro, horário, caganeira, etc. Apesar disso, o que se faz da parte dos estudantes para eliminar essas distorções discriminatórias do ensino é pouco, em função de nossa organização incipiente, lembrando entretanto que lutamos dentro de contexto ditatorial e elitista.

A Universidade
para os seus
pauhos...

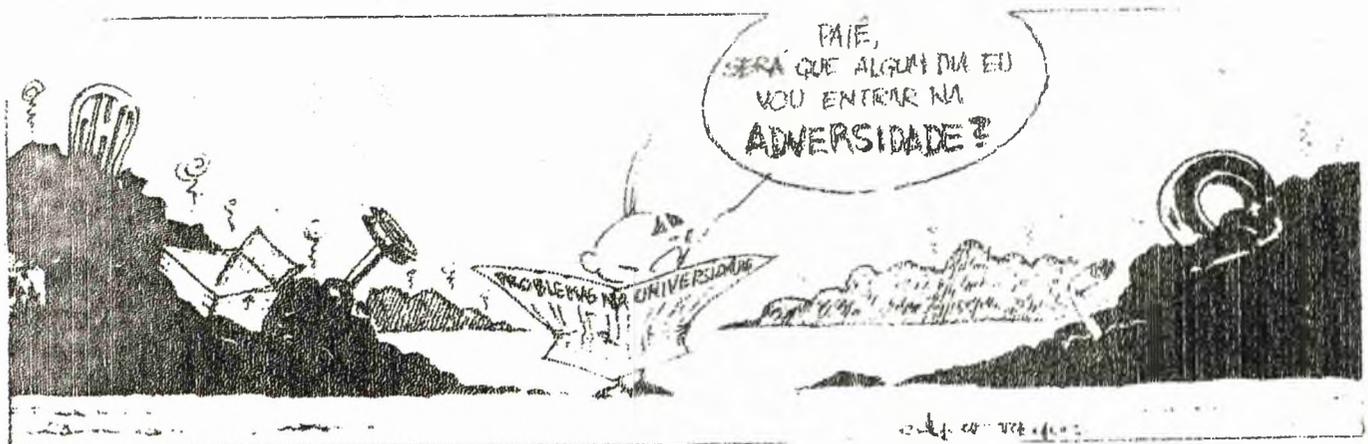
ESTE OBSTÁCULO NÓS
NUNCA SABE PULAR, NÃO!
NUNCA DÁ PRA SUBSTITUIR
POR UMA GUTCHÊ DO
FELIX PACHECO OU NAIPS?



CURSOS NOTURNOS - Por iniciativa de alguns estudantes secundários ligados à UEE (União Estadual dos Estudantes - São Paulo) circulou este começo de ano um abaixo-assinado invocando a urgente necessidade de abrirem-se cursos noturnos na Unicamp, contando inclusive com o apoio de políticos de peso como Quéricia e Chico Azevedo, e entidades como Associações de Amigos do Bairro, etc. A argumentação que dá margem a esta iniciativa é muito simples: o esquema de aulas só diurnas é antidemocrático, uma vez que exclui de imediato o estudante cujos pais não podem sustentá-lo no estudo, dado que a cidade de Campinas tem um mercado de trabalho paradoxalmente reduzido. Fora isso coloca-se a pergunta:

É racional que tantas instalações educacionais, custando tanto trabalho da população, fiquem encalhadas apenas porque o sol se escondeu?

A esta altura o abaixo-assinado já conta com perto de 5.500 assinaturas, e continua circulando....



SUCCESSÃO NA REITORIA

- Dia desses vai mudar o reitor do "reduto

"cultural". Desde tempos imemoriais o homem que porta o tratamento de Magnífico é o Sr Zeferino Vaz, marujo com atraques nos portos da UnB e em Ribeirão Preto, um velho lobo do Mar que agora enfrenta uma tempestade invencível: a aposentadoria compulsória.

Invencível? Ele já declarou que deixa o cargo de reitor mas não abandona a sua obra prima, e como medida de precaução já tem seu candidato definido, embora haja opositores: o candidato autoproclamado liberal, o abertamente elitista, e outros desejosos mais.

Enquanto as chispas explodem nos recônditos da politicalha, o corpo docente, o discente (nós) e todos os funcionários assistimos passivamente, sem nenhuma chance de participar do processo. Relatividades de uma certa democracia.



ORÇAMENTO DE EDUCAÇÃO NO BRASIL É 6%!

AUMENTOS GERAIS - Num país onde a inflação, se não é galopante, pelo menos já trote violenta, não causa muito espanto o fato de termos sofrido acréscimos nos preços da comida, do ônibus e dos serviços burocráticos em geral.

Até o ano passado a gente pagava por uma bandeja de comida Cr\$ 9,00, mas desde janeiro a coisa anda na base dos 12,00; aumento de 33%. Com o ônibus a mesma coisa, até janeiro 24,00, e agora (100%!) Cr\$ 48,00. Quanto aos serviços burocráticos, são muito extensos para serem enumerados, mas a coisa está mais preta ainda, com diploma custando Cr\$ 550,00 e a taxa de urgência (propina legalizada) pra pouco mais de Cr\$ 400,00. A essa altura alguém poderia chutar:

- Mas num tá barato só isso?
- Olha, até que estaria, sabe, se a coisa fosse só isso mesmo. Acontece que o imposto pago por nossos pais já cobriu uma vez o custo de nossa educação, e esse dinheiro que a Universidade nos tira significa que estamos pagando uma conta já saldada. Além do mais, no orçamento nacional 34% do dinheiro é destinado à "Defesa Nacional", enquanto apenas 16% vai para a educação do povo brasileiro (e pasmem! 5% pra Saúde Pública!). Afinal, esses governantes trabalham para o povo ou são da Máfia?



SERVIÇO MÉDICO - Brasil, terra de superlativos.

Na Unicamp, como reflexo desse profícuo senso burocrático-ufanista, constrói-se um magnífico Hospital das Clínicas (que será inaugurado logo logo, e vai funcionar logo logo...), porém não existe à venda no campus uma única aspirina ou um mísero modo para alguma emergência. Acontecendo algum acidente, de qualquer forma, o estudante tem de ir até a Santa Casa, que fica atrás da Prefeitura, na cidade. Nossos Pêsames.



Sonhos? ou pesadelos...

SEDE DOS CENTROS ACADÊMICOS DA
UNICAMP - "CASA"

AV. Barão de Itapura, 1182.

BARRES

"PAULISTINHA" - Rua General Osório
(em frente ao Teatro de Arena)

"SAMBURÁ" - Av. Francisco Glicério,
1120.

"CITY BAR" R. Luzitana esquina com
a R. Ferreira Penteado.
Padaria aberta dia e noite

"PRONTO CHIC" - R. Sacramento, 36
(em frente ao Largo do Carmo)

BAR DO TEATRO DE ARENA - no Teatro de
Arena.

"ADEGA FLORENCE" - esquina das ruas -
Carolina Florence com 1ª de Março.

"EDEN BAR" - no Largo do Rosário.

"GIOVANETTI" - no Largo do Rosário.

"TIMBÔ" - Balão da Brasil.

"BAR DO PESCADOR" - esquina da rua -
Paula Bueno com a Av. Crozímbo Maia.

"BAR AZUL" - esquina das ruas Cel. -
Quirino com Bandeirantes (Cambui)

"FACA BAR" - Rua Conceição, 157 - cen -
tro.

"BAR VOGA" - Av. Anchieta ao lado

MÃOS AO ALCÔVO!
ISTO É O MEU
ALMOÇO...



Algumas dicas. Boa sorte!

CINEMAS

"CURU VERDE" - R. Conceição, 259 - cen -
tro.

"WINDSOR" - R. Gal. Osório, 913 - cen -
tro.

"REGENTE" - R. Regente Feijó, 1305.
centro.

"JEQUITIBÁ" - Av. Anchieta, 1 - cen -
tro.

"BRASILIA" - R. Regente Feijó, 377 -
centro.

"CARLOS GOMES" - R. Campos Sales, 605 -
centro.

"SÃO JOSÉ" - R. Paula Bueno, 992. Ta -
quaral.

"ALVORADA" - R. Regente Feijó, 377.

CORREIOS E TELÉGRAFOS

Av. Francisco Glicério, 889.

TELEFÔNICA

Rua Benjamin Constant, 946.

HOSPITAIS

Casa de Saúde Campinas - Praça Dr
Trifoli - fone 31-8676 e 8-8700

Beneficência Portuguesa - R. 11 de
Agosto, 557 fone 31-3192.

Coração de Jesus - R. Dr. Selustiano
Penteado, 115. Fones 31-0821 e 31-0890

Santo Antônio - Av. Barão de Itapura
1144. Fones 42-2366 e 41-0306.

Municipal de Campinas - Av. Prefei -
to Faria Lima, 340. Fone 2-0535.

Vera Cruz - Av. Andrade de Neves, 402
fone 31-0033

Pronto Socorro - Av. Andrade de Neves
402. fone 2-6666.

Instituto de Cardiologia Campinas -
Benjamin Constant 1777 - fone 31-2047

Santa casa - Benjamin Constant, 1657.
fone 8-9967.

IMOBILIARIAS

Ocara r. Ferreira Penteado, 709
6º and. conj. 67
fone: 21719

Parque r. Francisco de Paula Oliveira Nazareth, 722. P. Ind.
fone: 81728

Predial fone: 512653 e 512691
r. Lotário Novas, 2

Penteado r. Santa Cruz, 64
fone: 517814

Marcelo Vampre r. Grosimbo Maia, 1243
fone: 422100

Monte Verde av. Barão de Itapura, 1562

Porto e Rodrigues r. Dr. Quirino, 1571
fone: 24144 e 20356

Apollo av. Moraes Sales, 1444
fone: 511600, 511278, 511478 e 511078.
av. Francisco J. de Camargo Andrade, 824. Castelo.
fone: 412131 e 419100
r. Coronel Quirino, 208. Cambuí
fone: 517295 e 511235

Taiyo av. Francisco José de Camargo Andrade, 461
fone: 427861, 417602, 414800

Carvalho de Moura av. Francisco Glicério, 217
fone: 23462

Chalé r. Itália, 321
fone: PBX 417005 e 421515

Campos Sales r. Barão de Jaguará, 1091
conj. 101/2/5
fone: 24935 e 82593

Cibi r. Dr. Quirino, 1319, 3º and.
fone: 84347 e 21942

Santa Isabel, av. Francisco Glicério, 1058
fone: 312600

Jangada av. Francisco Glicério, 1101.
4º and. conj. 13 - 14
fone: 315451, 83982, 80582

José Steinberg av. Francisco Glicério, 533
fone: 316216, 22555, 88632

Vieira av. Benjamim Constant, 1294
fone: 24554

Vivenda r. Prisciliana Soares, 121
fone: 525211 e 525509
525995

Luiz Lente av. Francisco Glicério, 964
2º andar conj. 204

Barão av. Barão de Itapura, 1532
fone: PBX 525666



Otot av. Francisco Glicério, 1401
fone: PBX 28096
av. Júlio de Mesquita, 486
fone: 513310 e 513530

LGD r. General Osório, 1290
fone: 31-2088

Lopes av. Pio XII, 597
fone: 413224 e 413331

Gagnani r. Ferreira Penteado, 709
fone: 86014

Briza av. Luzitana 1668
fone 23122 e 80223

Warela Luzitana, 401
fone: 23452 e 23659

Waldemar Heitemann r. Regente Feijó, 456
fone: 317547

Solar av. Brasil, 172
fone: 422103

Aldeia av. Francisco José de Camargo Andrade, 301.
fone: 419209

Giamar av. Moraes Sales, 666
fone: 83470

Glicerio av. Aquidabã, 706
fone: 517731 e 521688

Elias de Souza r. Barão de Jaguará, 888
fone: 29059

Expansão av. Brasil, 1117
fone 423433, 416098, 423835

Flamingo av. Brasil, 771
fone: 416581 e 422434

Modelo r. Tiradentes, 816
fone: 428788

Mayan r. Regente Feijó, 1251
2º and conj. 204
fone: 310333

Mabisa av. Moraes Sales, 1191
fone: 85703 e 319282

L. Mendonça av. Francisco Glicério, 771/773
fone: 868227 e 311480

Anchieta av. Anchieta, 372
fone: 86224

Marcuoci r. Saldanha Marinho, 942
fone: 89486

Morada r. Duque de Caxias, 1704
fone: 517313

Metrópole r. Coronel Quirino, 1029
fone: PABX 524653

Molina r. Delfino Cintra, 133
23053, 315654

Moreira Flores r. Barão de Jaguará, 1091
6º and salas 605/6/7
fone: 311734

Nay av. Sto Antônio Claret, 77
fone: 424612 e 424812

Nova Era r. Barros Monteiro, 118
fone: 417878 e 421649

Tiradentes r. Tiradentes, 558
fone: 421888

Terkasa r. Roberto Simonsen, 696
fone: 511004

Vate r. Dr. Quirino, 578
fone: 312945

Consenso r. Conceição, 264
fone: PABX 313777

Pontual av. Moraes Sales, 716
fone: PABX 29037

Pelegrini r. General Osório, 971
4º and conj. 42/43
fone: 85101

Regente r. Dois Cônegos, 62
fone: 82208

Soberana av. Irmã Serafina, 693
fone: 84095

Stilo av. Francisco José de Camargo Andrade, 734
Fone: 422709 e 419832

Suleste r. 26 de março, 31
fone: 415116

Jornal do

Calouro

11.
páginas

Ano
78

EXTRA



VIVA A U.E.E.

EDITORIAL

Após a guerra do vestibular, a alegria de ter entrado na Universidade, as bem merecidas férias, o corre-corre para a matrícula, mudanças, ônibus, pensões, gente nova, etc...Inicia-se agora, uma nova etapa - as aulas na faculdade.

A ansiedade é justificada. Afinal, foram muitos que acalentaram o sonho e poucos os que até aqui chegaram. Pequenas dificuldades surgirão. E as grandes também! A falta de conhecimento do local, das pessoas, a distâncias dos amigos e da família num tom de desconhecido, intimida um pouco.

Aí está a razão das calouradas. A vontade de conversar, de conhecer os novos colegas, os veteranos, de saber da universidade, do que se passa, dos professores, da cidade, enfim a curiosidade despertada pela nova situação faz dos primeiros dias de aula um ótimo local de vivência intensa.

Neste sentido os Centros Acadêmicos prepararam uma série de programações: filmes, debates, teatro, feira de arte, etc para tentar entrosar os calouros e deixá-los mais à vontade. E se o primeiro jornal tinha o objetivo apenas de informar/do que aconteceu no ano passado, este segundo jornal tem um objetivo diferente. Neste, queremos deixar aqui um claro convite à participação. Não só aos calouros, aos veteranos também, pois a feira de arte, que pretende ser uma atividade/conjunta de veteranos e calouros, não poderá ser efetivado sem a participação de ambos; os filmes não atingirão seus objetivos se ninguém for assistí-los, o mesmo com o teatro, etc.

E a participação pode se dar em todos os sentidos. Nas lutas que virão, batalhando por uma sociedade mais justa, na reconstrução da nossa maior entidade a nível estadual - a UEE - na construção do nosso DCE-Livre, a entidade que congregará todos os estudantes da UNICAMP e nos Centros Acadêmicos - as entidades localizadas nos institutos, que congregam os estudantes de uma mesma área.

E mesmo a continuidade deste jornal dependerá da presença de calouros e de outros veteranos que queiram colaborar na sua elaboração; assim como a comissão de atividades culturais necessita de mais gente para prosseguir o seu trabalho, os centros acadêmicos, a comissão da casa dos centros, etc.

Portanto não há porque ficar parado. É momento de atividades, participação e trabalho.

UEE - SP

entidade livre e independente
dos estudantes paulistas.

"HOJE A DITADURA CHORA:
FUNDAMOS A UEE."

(Manifesto de fundação
da UEE- Agosto-77)

Os últimos 13 anos têm sido "negros" para a maioria da população brasileira.

As péssimas condições de vida aos baixos salários e ao desemprego que anda solto, vem somar-se a repressão a todas as formas de organização dos estudantes e trabalhadores.

Os partidos operários estão proibidos, os sindicatos são postos sob intervenção e as greves fortemente reprimidas.

Também no Movimento Estudantil a ditadura tenta reprimir e sufocar.

Existe, por exemplo, o decreto-lei 228 que declara ilegais as formas de organização independentes dos estudantes (como CAs e DCEs-Livres) e instituiu outras, atreladas à burocracia da Universidade. (Como os DAs)

Apesar disso, em muitas escolas, os estudantes ainda conseguiram resistir e manter os seus CAs funcionando.

Em 75, na USP, os estudantes conseguiram reconstruir seu DCE-Livre. Foi o primeiro grande passo no processo de reorganização das nossas entidades livres e independentes.

De lá para cá, muitos outros DCEs livres foram reconstruídos e em S.Carlos fundou-se a primeira entidade estudantil municipal-

a UMESC- (União Municipal dos Estudantes de S. Carlos).

A UEE surge então como o baluarte de nossas lutas contra a ditadura, pela organização livre e independente.

É a primeira entidade estadual a ser reconstruída após 68, é uma conquista não só do Movimento Estudantil paulista, mas de todos os estudantes brasileiros.

A UEE-SP existia legalmente antes de 68, sendo um organismo determinante no avanço das lutas estudantis. Com as investidas da repressão em 68, ela foi obrigada a entrar na clandestinidade. Mesmo assim, ainda atuou nessa situação até 71, quando de fato desapareceu.

De lá para cá, as movimentações foram se dando isoladamente e quase só nas escolas de maior peso, como na USP, Unicamp, S.Carlos, UFMG.

Só em maio de 77, com as grandes mobilizações por anistia e por liberdades democráticas é que novamente o movimento se alastrou





por todo o estado. Num intervalo' de poucos dias, todas as grandes' escolas estavam paralizadas, ocorrendo Atos Públicos em quatro cidades: S. Paulo, Campinas, S. Carlos e Ribierão Preto no dia 5 de maio.

E isto colocava claramente a' necessidade de um organismo que' coordenasse essas lutas, combinando as desigualdades das Universidades do Estado: a UEE.

Em agosto, então, foi realizado um Congresso de Fundação da UEE. Neste Congresso, com mais de 1000 delegados presentes, foi aprovada, por unanimidade, a reconstrução da UEE-SP.

As eleições da sua primeira diretoria (que deveriam se diretas) seriam realizadas em fins de outubro. Até lá, seria formada uma "Comissão Pró-UEE" que encaminharia o processo eleitoral e assumiria provisoriamente a coordenação das lutas estaduais (como foi feito com a luta por mais vagas, concretizado na Unicamp com abaixo-assinado por cursos noturnos).

Mas apesar do Congresso ter fundado a UEE, ela ainda não existe na prática. Nenhuma entidade existe sem ter uma diretoria demo

craticamente eleita. As eleições, que deveriam ocorrer em outubro, foram adiadas para abril próximo.

Nossa tarefa é agora, consolidar a UEE nascente, nossa entidade estadual máxima. E esse fortalecimento só poderá se dar em cima da unidade do M.E., com uma base sólida e um programa consequente.

As eleições serão realizadas em abril. Serão colocadas urnas em todas as escolas em que for possível e as diversas chapas deverão debater seus programas em cada uma das escolas. É importante a participação de todos nós nessas eleições: não se trata apenas de uma disputa eleitoral. É o futuro da UEE que está em jogo.

Essa participação pode se dar de várias formas: contribuindo financeiramente (existem bônus à venda em todos os CAs, haverá um show pela UEE, etc), discutindo com os seus colegas, participando dentro do seu Centro Acadêmico, ou mesmo só assistindo aos debates eleitorais e comparecendo às urnas para votar.

O importante é participar. TODA FORÇA À UEE!



DCE - LIVRE

UM DCE-LIVRE NA UNICAMP?

Um DCE- Diretório Central dos Estudantes- é uma entidade reivindicativa de todos os estudantes de uma Universidade. Isto significa que o DCE é uma forma de organização dos estudante, uma forma de garantir sua uniaõ, sua unidade no enfrentamento dos problemas que os atingem.

Na busca da democracia interna do movimento e das entidades estudantis, o DCE deve oferecer canais de participação para o conjunto dos estudantes (grupos de artes, cultura, esportes, festas, publicações, etc) e formas de decisão, as mais democráticas possíveis.

XABU o provocador!



Uma entidade forte é pois um imenso triunfo para os estudantes em suas lutas, tanto nas que dizem respeito às condições de ensino (contra o jubilamento, por mais verbas, por melhores condições de transporte, alimentação e moradia), como nas questões políticas mais gerais - (luta por anistia, pelas liberdades de organização e manifestação, por uma Assembleia Constituinte, etc.)

Na Unicamp a luta pela construção de um DCE-Livre, (livre por que sem vínculos com a burocracia universitária, porque é um órgão que só deve satisfação aos estudantes) nasceu na grande mobilização de maio de 77, quando da prisão de operários e estudantes no ABC paulista.

Após a realização de um Ato Público pela libertação dos presos, por anistia e por liberdades democráticas, foi realizada na Unicamp uma reunião de avaliação onde se discutiu a importância e a necessidade de um DCE-Livre na nossa escola.

Numa Assembleia posterior, onde deveríamos decidir a forma pela qual se daria a construção do DCE, não foi possível tomar essa decisão, e deliberou-se que uma consulta mais ampliada deveria ser feita, um plebiscito.

Com a avalanche de tarefas a cumprir: resposta à repressão ao III ENE (encontro nacional de estudantes), e aos colegas de Brasília, fundação da UEE e as lutas específicas de cada faculdade, aos centros acadêmicos só conseguiram realizar o plebiscito no dia 14/9



onde apesar do resultado obtido ter sido uma alta percentagem de votos a favor da criação do DCE, houve também uma grande abstenção na votação, o que fez com que o plebiscito fosse anulado, e a questão foi praticamente abandonada nos últimos meses do último semestre.

Porém hoje vemos como de grande importância a retomada dessa questão. As lutas a nível de toda a Universidade vêm sendo travadas a muito tempo na Unicamp - (contra o jubilamento em 72, por melhores condições de transporte em 73 e 76 (esta última também por melhores condições de funcionamento do restaurante), a manifesta-

ção contra o assassinato de professor e jornalista Vladimir Herzog em 75, e as jornadas de maio de 77, por anistia e por liberdades democráticas. No entanto, a falta de uma entidade que organizasse e direcionasse essas lutas se fez sentir. Os Centros Acadêmicos são limitados, devido ao seu vinculo com os estudantes de um único instituto ou faculdade, não possuindo uma estrutura que dê conta das tarefas a nível de toda a Universidade.

As bases objetivas- lutas a nível de toda a Universidade, um

certo grau de avanço do movimento e o trabalho conjunto- estão dadas para a construção do DCE. A necessidade desta entidade central, que nos proporcionaria maior força e capacidade de atuação, também. Cresce então nossa tarefa de aprofundarmos nossa união, de criarmos mecanismos de participação a nível mais geral, de discutirmos mais amplamente a questão do DCE, efetivando assim sua construção e caminhando na prática para a conquista de nossa organização livre e independente.

★ ★ ★

ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE

INTRODUÇÃO

Assumida pelo MDB a tese da luta pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte (depois que o 'pacote de abril' praticamente extinguiu sua viabilidade eleitoral) e adotada também por vários setores da oposição democrática no país, esta continua a provocar debates muito acirrados sobre a validade desta luta ou se é este o momento certo para que ela seja travada.

Como consideramos a imensa importância deste debate para o movimento de massas no Brasil hoje, estamos aqui procurando contribuir para ampliá-lo, abrindo as páginas do nosso "Jornal do Calouro para abrigar quantas opiniões existam na Unicamp a este repeito hoje. Os artigos que se seguem refletem duas destas opiniões.



3/6



POR UMA CONSTITUINTE LIVRE; DEMOCRÁTICA E SOBERANA!

O Momento Atual

Temos vivido nestes últimos três anos numa conjuntura de crise. O famoso 'milagre brasileiro' caiu por terra e espedaçou-se como santo de barro. A crise econômica mundial do capitalismo atingiu o Brasil de maneira particular devido ao modelo econômico aqui adotado, com uma economia inteiramente voltada para o mercado externo e dependente dos investimentos estrangeiros.

A solução adotada, a recessão econômica, medida que foi imposta pelo capital financeiro internacional, levou à falência inúmeras médias e pequenas empresas, e forçou a diminuição dos lucros de vários setores da burguesia do país.

Desta forma a unidade aparentemente inquebrantável da burguesia da época do milagre, que aceitava passivamente um governo como o de Médice, que reprimia implacavelmente o movimento de massas e centralizava todas as decisões econômicas, desaparece. A burguesia começa a brigar entre si, para repartir os lucros que começam

a escassear, quebrando assim a unidade que existia antes entre os detentores do poder.

Assim (quem diria?) os nossos empresários antes adeptos da 'linha dura' (ou seja, da repressão violenta) tornaram-se, de repente admiráveis 'democratas'. Exigem na verdade maior espaço político para tentar fazer prevalecer os seus interesses econômicos.

Toda esta situação abre um espaço para que o movimento de massas possa avançar, podendo finalmente, após 13 anos de ditadura militar, manifestar claramente a sua insatisfação e o seu repúdio à situação vigente. Os setores de classe média, diretamente prejudicados com a crise, são os primeiros a se pronunciar. Os estudantes, o setor atualmente mais organizado da população, sai às ruas, levando consigo bandeiras que são do conjunto da população: por melhores condições de vida e trabalho, e por liberdades democráticas. No segundo semestre tem início a mobilização dos metalúrgicos do ABC paulista, pela reposição dos 34,1% de seus salários, roubados com o "cálculo" que o governo fez para os índices de inflação em 73. A luta rapidamente se espalha para várias outras in-



dústrias no país. Realizam-se assembléias sindicais com 5.000 e 3.000 pessoas. A classe volta a afluir a seus sindicatos, e a se mobilizar por suas reivindicações mínimas.

Neste sentido, coloca-se para o movimento de massas uma questão essencial: A necessidade de compor uma frente de oposição, que tivesse como eixo de luta algo que lhe desse uma perspectiva que lhe permitisse continuar avançando. Todos juntos contra um inimigo comum: a ditadura militar. Pelo seu fim imediato, através da convocação de uma Assembléia Constituinte Livre, Democrática e Soberana, que tenha como pressuposto para sua convocação as mais amplas liberdades democráticas, ou seja, que venha precedida de uma anistia ampla, geral e irrestrita, de liberdade sindical e partidária, do direito de greve, da abolição total da censura, etc. E é necessário também, que a campanha pela sua convocação se faça através da ampla mobilização, para que ela venha a se concretizar como uma vitória do movimento de massas.

É preciso no entanto estar atentos para todas as propostas de Constituinte que não deixam claro que ela tem como pressupos



to o fim da ditadura (a que o MDB propõe, por exemplo), pois sabemos bem o que isto significaria para o movimento de massas. O atual congresso que aí está, é cada dia menos representativo da população brasileira. Um congresso composto apenas por partidos consentidos, que vive sob o férreo império das leis de exceção, que possui uma grande lista de seus líderes cassados, hoje não significa mais coisa alguma. A transformação deste atual congresso em Constituinte, seria simplesmente mais uma farsa da ditadura. Também uma Constituinte eleita unicamente através dos atuais partidos existentes, não possuiria o mínimo de representatividade. Todos sabem que os atuais partidos existentes abrigam em seu seio inúmeras correntes políticas (que necessitam de partidos próprios para se expressar), e tornando-se indispensável a criação de partidos operários, onde os trabalhadores estejam efetivamente representados.

Somente precedida por uma ampla liberdade de organização sindical • partidária, com o retorno de todos os líderes afastados (presos, cassados, exilados ou banidos), ou seja, como alternativa de governo à ditadura militar, é



que nos interessa a Constituinte. E assim devem estar pautados os nossos trabalhos e lutas.

★ ★

CONSTITUINTE ?

Coordenadoria do DAFEEA

As discussões em torno da Constituinte não devem se ater à simples questão do 'a favor' ou 'contra', mas sim aprofundar a questão do que se pretende gerar ou conquistar na luta pela Constituinte.

A Constituinte expressa a correlação de forças existente na sociedade. Para que ela expresse realmente a correlação de forças é necessário que essa Constituinte pressuponha: anistia ampla e irrestrita, liberdade de organização a qualquer partido, liberdade sindical, eleições onde seja permitida a propaganda, a discussão etc. Por isso uma Assembleia Constituinte convocada hoje não vai expressar a correlação de forças na sociedade como um todo, mas sim a luta por unificação da classe dominante que é quem hoje, de-

tém o poder e quem reprime para se manter e impedir que os operários e o povo se organizem para lutar por seus interesses,

Com o 'pacote de abril', verificou-se que essas reformas alargaram ainda mais o 'racha' (que existia) na classe dominante e também desgastaram ainda mais a ditadura. Tudo isso porque não se conseguiu unificar a burguesia no sentido de se obter um projeto claro para enfrentar a crise que o regime atravessa.

A convocação da Assembleia Constituinte foi levantada pelos parlamentares moderados do MDB, (Ulisses, Thales Ramalho, etc), pelos autênticos, Jornal Movimento, e outros grupos políticos atuantes. Devido ao grande descontentamento causado pelo 'pacote', os moderados acreditam na vitória nas eleições de 78, conseguindo maioria. Porém na vacilação dos moderados os liberais tomam as rédeas e pedem: "Constituinte, já!", ou seja, constituinte com ditadura militar.

Fica patente nas próprias frases dos liberais o que pretendem com a Constituinte:—"A convocação da Assembleia Constituinte depende em última instância das Forças Armadas"; "assim com uma constitu-



'inte teríamos um Brasil novo, sem revanchismos nem desconfiança". ' Brossard dá o mesmo sentido à "' Constituinte: -"A Constituinte é' o caminho da reconciliação nacional".

Com as frases acima vê-se que o objetivo de oposição é chegar a um acordo nacional, que é exatamente a Constituinte. Pois hoje ' temos uma oposição majoritária, ' que não tem forças para governar, enquanto que o governo detém a ' força mas está isolado.

Convocada e garantida pelos ' militares com o apoio da oposição liberal-burguesa, ela garantiria' uma saída para a crise, sob o controle das classes dominantes, aca

bando com a possibilidade de um a vanço do movimento de massas, que logicamente não interessa à classe operária e ao povo. Ao povo interessa uma Assembléia Constituinte que lhe garanta: livre organização partidária, anistia ampla e irrestrita, etc, e isto só será ' possível fora de uma ditadura militar. Devemos denunciar as propostas de Constituinte com ditadura militar.

E ainda nos atermos na luta ' por liberdades democráticas e por melhores condições de vida, que ' permitirá com que os operários e' o povo avancem nas suas formas organizativas, culminando com a derubada da ditadura.

